

Esculturas líticas inéditas da Amazônia oriental: estatuetas de quadrúpedes e “ídolo” em forma de boto

New lithic sculptures from eastern Amazonia: some quadrupeds statuettes and one dolphin “idol”

Esculturas líticas inéditas de la Amazonia oriental: tres estatuillas cuadrúpedas y un “ídolo” en forma de delfín

Marcony Alves¹, André Prous²

RESUMO

Apresentamos aqui três estatuetas líticas inéditas encontradas entre o alto curso do rio Trombetas e o alto curso do rio Tapajós e uma quarta, possivelmente proveniente da Ilha de Caviana. Essas peças são feitas em rochas duras, esculpidas por picoteamento e representam figuras zoomorfas quadrúpedes muito semelhantes entre si. As já famosas esculturas em rocha do Baixo Amazonas (os muiraquitãs e os “ídeos de pedra”) em nada se assemelham a esta nova categoria de artefatos. Além dessas estatuetas, descrevemos uma peça em forma de boto cor de rosa, encontrada por um ribeirinho no Lago Sapucaá (Oriximiná, PA) e que provavelmente pertence ao grupo dos “ídeos”.

PALAVRAS-CHAVE: Esculturas em pedra, Amazônia Oriental, Pré-história

¹ Pesquisador Associado do Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorando no Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE/USP

² Professor aposentado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador Voluntário do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais

ABSTRACT

We describe here four new lithic statues, three of them found between the upper Trombetas River and the upper Tapajós River and the last one probably from the Caviana Island. These artifacts have been made in hard rocks and represent almost the same zoomorphic quadruped figure. Neither the so called “idols” of the Lower Amazon nor the green stone pendants are similar to this new group, despite being found in almost the same area. Finally, we describe one river dolphin sculpture found by a dweller at Sapucúa Lake (Oriximiná, Pará State) which probably belongs to the group of the Amazonian “idols”.

KEY WORDS: Stone sculptures, Eastern Amazônia, Préhistory

RESUMEN

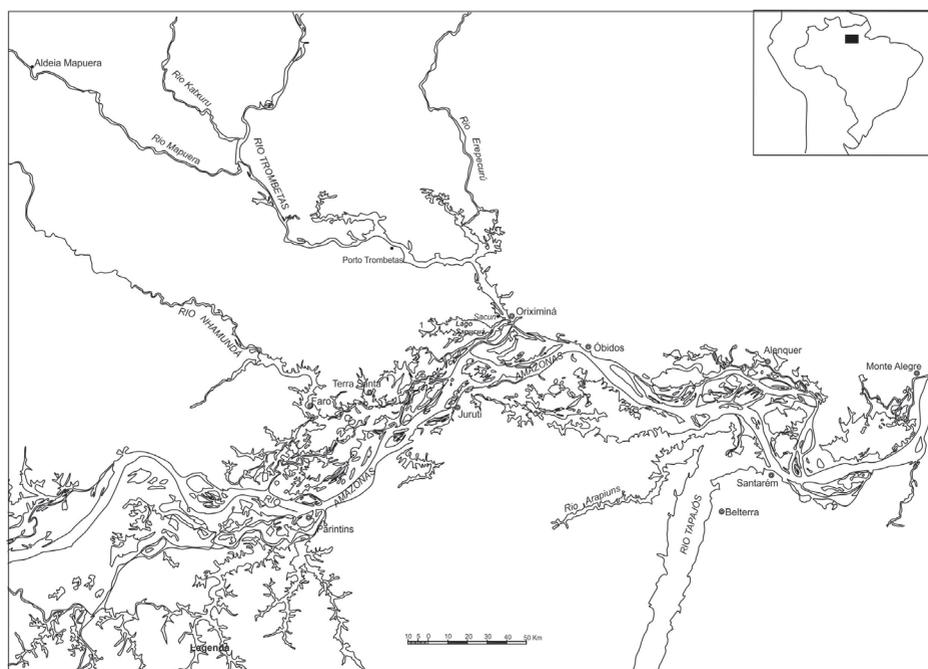
A continuación, se describen cuatro esculturas líticas inéditas. Las tres primeras fueron halladas entre el alto río Trombetas y el alto río Tapajós, mientras que la cuarta probablemente procede de la Isla Caviana. Dichas estatuillas están hechas de rocas duras mediante la técnica de picoteo y representan casi la misma figura cuadrúpeda zoomórfica. Las piezas talladas en roca ya conocidas del Bajo Amazonas (pendientes de piedra verde e “ídolos de piedra”) no se asemejan a este nuevo grupo, a pesar de que el área de distribución se superpone. Además, describimos una escultura de un delfín rosado encontrada por un habitante del Lago Sapucúa (Oriximiná, Estado de Pará), que probablemente es un nuevo ejemplar del grupo de los “ídolos”.

PALABRAS-CLAVE : Esculturas de piedra, Amazonia Oriental, Prehistória

INTRODUÇÃO

É amplamente conhecida a presença de esculturas líticas pré-históricas em toda a região que se estende entre os municípios de Santarém e Faro, no Baixo Amazonas. Estas representações podem ser reunidas em duas categorias principais, que receberam denominações específicas. A primeira, mencionadas desde a viagem de Orellana, corresponde aos chamados muiraquitãs. Essas são peças pequenas (de tamanho

centimétrico) geralmente feitas de rochas verdes e formato achatado; a maioria é batraquiforme, mas algumas representam aves e peixes (Barata 1954; Boomert, 1987; Costa *et al.*, 2002a; Costa *et al.*, 2002b; Silva e Costa, 2012). Essas peças exibem pequenos furos laterais que indicando uso como pingentes ou como parte das tiaras, como é possível ver em modelagens antropomorfas em cerâmica encontradas em Santarém e Óbidos (Gomes, 2001; Moraes *et al.*, 2014). Os muiraquitãs estão dispersos por uma ampla área que se estende pelo eixo Baixo Tapajós-Antilhas, sendo também identificados imitações em cerâmica na Ilha de Marajó (Barreto, 2009).



Mapa 1. Mapa mostrando o Baixo Amazonas, região onde foram encontrados os muiraquitãs e ídolos de pedra. Essa mesma área é onde estão dispersas os dois estilos cerâmicos amazônicos da Tradição Incisal/Ponteada, Santarém e Konduri. Autor: Marcony Alves.

A outra categoria de esculturas líticas é a dos chamados “ídolos de pedra”³. Descritos por Veríssimo (1883), Lisle de Dreneuc (1894) e Barbosa Rodrigues (1899) no século XIX, recentemente foram estudados por Aires da Fonseca (2007, 2010) e Antonio Porro (2010). De maior tamanho (decimétricas) que os muiraquitãs, frequentemente esculpidas em esteatita, são peças achatadas, apresentando figuras zoomorfas ou antropomorfas – em alguns casos combinando as duas categorias. Essas peças apresentam formas muito diversificadas, sendo que a única característica compartilhada por todas é a presença de dois furos circulares que as atravessam (Palmatary, 1960; Nimuendajú, 2004). Enquanto os muiraquitãs são numerosos e um foi encontrado em contexto associado à fase Santarém (Schaan e Alves 2015), apenas pouco mais de vinte “ídolos” são conhecidos e não se dispõe de nenhuma informação sobre o contexto arqueológico. Mesmo assim, considera-se que ambas as categorias de peças seriam associadas aos produtores de cerâmicas da Tradição Incisa e Ponteadada do Baixo Amazonas (cerâmicas de estilos Santarém e Konduri). Fato interessante a se considerar, que conecta os muiraquitãs e essas estatuetas, é a existência de um “ídolo” salvaguardo no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, que possui a mesma morfologia batraquiiforme característica dos muiraquitãs, mas de tamanho decimétrico e com os dois característicos furos.

Durante uma das etapas de campo nos afluentes do curso superior do rio Trombetas, a equipe da Universidade Federal de Minas Gerais, envolvida no Projeto Norte Amazônico, deparou-se na Terra Indígena Trombetas-Mapuera, com uma escultura lítica cujas características eram muito distintas das duas categorias de esculturas líticas acima mencionadas (Prous, 2015). A partir da consulta de acervos de outros museus, percebeu-se que essa peça não era única, mas fazia parte de uma categoria ainda inédita. Assim, além dela foram identificadas outras três: uma no Museu Histórico de Macapá; outra pertencente à Coleção Banco Santos, conservada no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP; e a última identificada apenas por uma fotografia

³ Apesar da inadequação desse termo, com sua referência ao cristianismo, o utilizaremos para diferenciar as estatuetas de quadrúpedes apresentadas neste artigo daquelas peças conhecidas desde o século XIX na arqueologia americanista.

disponível na Casa de Cultura de Marabá. A semelhança entre essas esculturas leva a pensar que se trate de uma mesma figuração ligada a um compartilhamento de ideias e/ou práticas numa ampla área do oriente amazônico. Além desse conjunto, apresentamos uma estatueta de tema inédito mantida por uma família de ribeirinhos do Lago Sapucaá, que pode pertencer ao mesmo grupo dos já conhecidos “ídolos” com dois furos. Nesta nota, descrevemos todos estes novos achados, que vêm enriquecer o nosso conhecimento sobre os artefatos líticos esculpido no Baixo Amazonas.



Figura 1. Imo, indígena Wai Wai, segurando a escultura lítica que encontrou dentro do rio Acari. Foto: Rogério Tobias.

1 Quadrúpedes em pleno relevo

As quatro esculturas que compõem este novo grupo são de tamanho decimétrico (como os “ídolos de pedra”) e figuram um quadrúpede

em *pleno relevo* que fica equilibrado sobre as patas, diferentemente dos animais representados nos ídolos (estes, em *baixo-relevo*) que são integrados num suporte em forma de plaqueta. A técnica de manufatura visivelmente identificada para a produção desses quadrúpedes é o picoteamento, completado por alisamento. Rochas duras (como diorito, gabro, etc.) foram as matérias-primas utilizadas na produção. Essas peças exibem uma crista entre as orelhas, olhos excisos circulares, orelhas elípticas com pavilhão escavado, além de bocas compostas por dois sulcos com protuberância central; três apresentam narinas pouco marcadas. Essas esculturas não evidenciam o uso das técnicas características da confecção dos ídolos de pedra que são a serragem, a incisão e o entalhamento com instrumentos pontudos (*carving*) ou o polimento fino. A forma de representar olhos dos quadrúpedes é oposta a daquelas estatuetas: com olhos que aparecem em alto e não em baixo relevo. Além disso, não se encontra neles os característicos dois furos presentes nos “ídolos”. Apresentamos a seguir a descrição de cada peça e as informações disponíveis sobre sua proveniência.

Peça nº1:

A peça nº 1 foi observada e fotografada por um dos autores (A.P.), por C. Jácome e R. Tobias na aldeia indígena Mapuera. Essa escultura foi encontrada casualmente pelo índio Imo, quando este mergulhava para pescar em uma cachoeira perigosa e mal afamada do rio Acari (um afluente do curso médio do rio Mapuera). Esta escultura inspira certo medo aos indígenas que temem o espírito de uma mulher que se afogou ao mergulhar neste local. Nota-se que as aldeias indígenas estão frequentemente instaladas nas imediações de cachoeiras e corredeiras. Como explicaram as lideranças indígenas, estas proporcionam água límpida e ótimos locais de pesca. Desta forma, é possível que a escultura tenha sido depositada voluntariamente na proximidade de uma aldeia. A probabilidade de ela ter caído de uma canoa naufragada é menor, já que, à diferença das corredeiras, as cachoeiras são transpostas a pé e não dentro de embarcações.

Em razão da pátina foi impossível saber de que rocha foi feita; a peça mede 32 x 10 x 8 cm (respectivamente, comprimento, largura e altura) e sua superfície se apresenta picoteada. Colocada em superfície plana, fica estável sobre quatro patas figuradas por quatro apêndices levemente divergentes, de formato troncônico. A parte traseira corresponde a um prolongamento retangular achatado horizontalmente; a parte dorsal é ocupada por uma depressão, cuja borda é saliente acima do volume corporal. A cabeça, grande em relação ao corpo, encontra-se na extremidade de um pescoço alongado. Olhos e orelhas estão indicados por protuberâncias; uma crista central e longitudinal na parte superior da cabeça marca seu eixo de simetria bilateral. A boca é figurada discretamente por uma depressão frontal, mas esta pode ser parcialmente erodida (teria tido uma protuberância?). Esta é a única das quatro peças dessa categoria de estatuetas que possui esta depressão dorsal, que poderia ser utilizada como pilão. Também é menos maciça que as demais esculturas de quadrúpedes, com as patas mais destacadas do corpo.



Figura 2. Três vistas da escultura encontrada no rio Acari, afluente do rio Mapuera. Fotos: Rogério Tobias.

Peça nº 2:

A peça nº 2 está depositada no MAE-USP, onde foi estudada pelos autores. Está registrada com o número CS 0011 na Coleção do Banco Santos. Segundo as informações disponíveis, é proveniente do garimpo Castelo dos Sonhos, no município de Altamira (PA), assim como quase três centenas de peças nessa coleção. Suas dimensões são 31 x 13 x 8 cm. A escultura foi feita a partir de uma rocha magmática extrusiva (como gabro ou diorito). Sendo a mais achatada das quatro representações de quadrúpedes aqui descritas, poderia ter sido elaborada a partir de uma placa natural ou de um seixo com forma propícia. O dorso e as laterais são menos ásperos que o ventre (que apresenta marcas mais evidentes de picoteamento), indicando que algumas partes da peça foram alisadas. A escultura repousa em equilíbrio sobre as quatro patas que são curtas, verticais e quase paralelepípedicas. A extremidade traseira apresenta uma cauda curta e troncônica, com uma protuberância que poderia indicar a bolsa testicular. O pescoço é marcado, porém curto. A cabeça é arredondada e exibe protuberâncias indicando crista, orelhas, olhos e boca. As orelhas são alongadas com pavilhão escavado, mas estas são mais curtas que as das outras peças. Um relevo pouco marcado continua a crista e pode ser interpretado como indicação das ventas. A boca pronunciada foi evidenciada a partir do desbastamento do volume abaixo do nariz e outro acima do limite da face. Na porção inferior da cabeça é visível uma depressão sugerindo a mandíbula e seus músculos.



Figura 3. Três vistas da escultura da Coleção Banco Santos/MAE-USP. Proveniente do garimpo Castelo dos Sonhos, Altamira, PA. (Fotos: André Prous e Marcony Alves)

Peça nº 3:

Esta peça foi vista rapidamente por um dos autores (A.P.) no Museu Histórico Joaquim Caetano de Macapá (AP) no qual é catalogado com o número 05.295. Não há nenhuma informação sobre a procedência da peça nos registros da instituição. Jacqueline, funcionária do Museu, conta que o antigo restaurador - já falecido - informou que quem doou a estatueta afirmara tê-la encontrada na ilha de Caviana, na foz do rio Amazonas. Apesar de extremamente vaga, esta é a única informação disponível.

Feita em uma rocha magmática extrusiva, mede atualmente 23 x 11 x 12 cm; como a parte posterior (correspondente à cauda) está quebrada, o comprimento poderia ter sido de cerca de 25 cm ou um pouco mais. Observando as fotografias, a parte dorsal aparece despolida e apresenta marcas de golpe. Não é impossível que tais marcas indiquem picoteamento para formar uma depressão como a da peça nº 1, pois o corpo é muito largo e maciço. No entanto, seria necessário um exame mais aprofundado da peça para reforçar esta hipótese, pois as marcas poderiam também decorrer de uso episódico como bigorna ou de processos tafonômicos. O tronco, de formato muito geométrico, é separado da cabeça por um pescoço formado por uma larga depressão periférica. As patas são curtas, tais como as da peça nº 2. A cabeça apresenta duas orelhas laterais bem definidas com o interior do pavilhão côncavo e cuja parte superior acompanha o formato da cabeça, como se estivessem arqueadas; não se sobressaem, mas pelo contrário, inserem-se no volume da cabeça. Os olhos formam relevos idênticos àqueles das outras peças já descritas. A crista longitudinal central decorre da retirada de material que permitiu excisar as orelhas e os olhos. O formato corporal não apresenta curvatura do arco dorsal nem a continuidade entre os volumes do tronco e da cabeça que dão certa naturalidade anatômica às peças descritas anteriormente. A cabeça também tem um aspecto mais rígido que aquele observado nas outras esculturas. A peça parece estar quebrada também na extremidade anterior onde se encontraria

um focinho - que poderia ter sido discreto como na peça nº 2, ou bastante pronunciado, como na nº 4. Entre as duas patas traseiras há uma pequena saliência triangular que sugere a genitália do animal. Na porção inferior da cabeça aparece a mesma depressão notada na peça nº 2, indicando talvez a mandíbula e seus músculos.



Figura 4. Duas perspectivas vistas da escultura do Museu Histórico Joaquim Caetano de Macapá. Foto: André Prous.

Peça nº4:

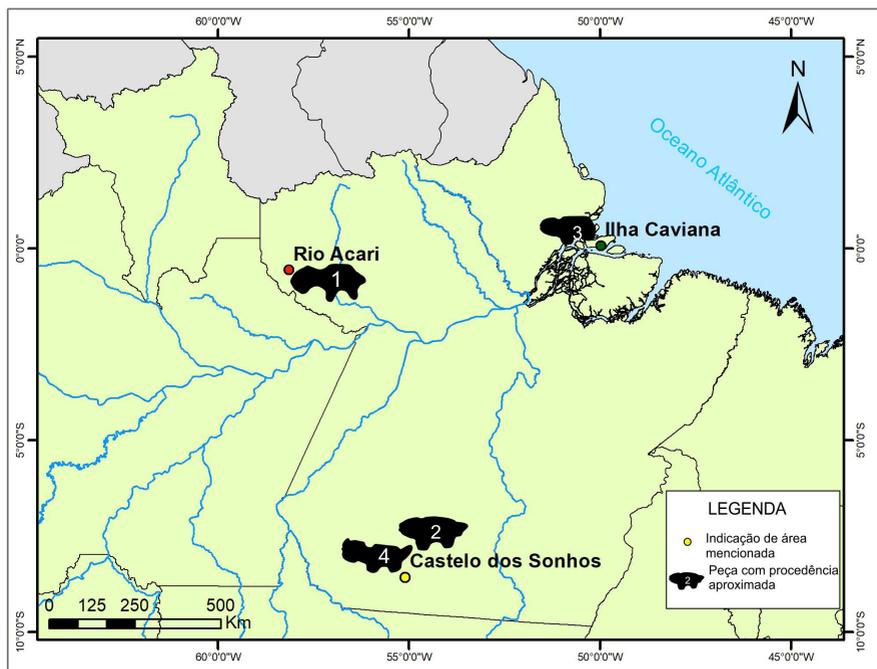
Conhecemos a peça nº4 apenas a partir de uma fotografia de autoria do botânico Noé von Altzinger que se encontra disponível na Casa de Cultura de Marabá. Essa escultura foi mostrada ao biólogo pelo garimpeiro que a encontrou n'água, em um garimpo chamado Monte Alegre, no distrito de Castelo dos Sonhos, em Altamira (PA) – ou seja, teria a mesma procedência da peça nº 2.



Figura 5. Fotografia feita por A. Prous de um documento em exposição na Casa de Cultura de Marabá, PA a partir de um documento original de Noé von Altzinger.

Embora a fotografia de perfil não mostre todas as faces do artefato, nota-se que este se parece sobremaneira com as peças nº 2 e nº 3: mesma rigidez do corpo, mesmas orelhas alongadas com pavilhão escavado, mesmos lábios salientes, mesma crista. No entanto, a peça 4 tem orelhas muito mais pronunciadas que as duas e não apresenta tanta rigidez quanto a escultura 3. Em relação às peças nº 2 e nº 3, a maior diferença visível a partir da fotografia consiste em um focinho arrebitado acima da boca. O pescoço bem marcado lembra tanto a peça nº 1 quanto a nº 3. Os olhos hemisféricos desta estatueta

apresentam uma pequena depressão superior, como se fosse para diferenciar as pálpebras da abertura ocular - ou o íris do globo. Nota-se que tanto a cabeça quanto a cauda estão levemente levantadas, proporcionando um perfil geral em arco de círculo.



Mapa 2. Origem das estatuetas quadrúpedes, elaborado por Henrique Kosloswiski e Marcony Alves.

2 Estatueta em forma de boto

A escultura em forma de boto não se relaciona estilisticamente com os quadrúpedes. Pela morfologia, parece pertencer ao grupo dos “ídolos de pedra”, mas apresenta características particulares, como a matéria prima e sua coloração, além do tema em si. Esta peça foi encontrada à margem do Lago Sapucaú (Oriximiná, PA) por Nestor, morador da comunidade de Ajará (denominada Uajará por Nimuendajú, 2004 e Hilbert, 1955), que mantém a peça em casa.

Durante uma expedição às comunidades ribeirinhas da área em 2014, Nestor nos mostrou a peça e permitiu que a fotografássemos e a medíssemos. Trata-se de uma representação de um mamífero aquático, provavelmente um boto cor de rosa (*Inia geoffrensis*), como Nestor e sua esposa comentaram e a cor final sugere: com efeito, a rocha (argilito lustroso ao tato ou esteatita?) parece ter sido recoberta por uma camada de piquemento vermelho - a não ser que se trate de uma oxidação superficial. No mesmo terreiro em que foi encontrada aparecem numerosos fragmentos de cerâmica Konduri. A terra preta de Ajará, alguns metros à frente, no entanto, apresenta tanto cerâmica dessa ocupação relativamente recente quanto de outra, mais antiga, da Tradição Pocó (definida por Hilbert e Hilbert, 1980; ver também Guapindaia, 2008). A peça encontra-se polida, com exceção da extremidade posterior, que parece quebrada. Achatada, a estatueta mede atualmente 9,1 x 4,8 x 2,9 cm, sendo que provavelmente sua parte posterior (cauda) está ausente. Há uma canaleta rugosa na extremidade oposta à cabeça, que pode ser interpretada como parte de um furo semelhante àqueles encontrados nos “ídolos”. A escultura pode ter se quebrado porque o diâmetro da perfuração quase alcançaria a espessura da peça, criando uma zona de fragilidade durante o processo.



Figura 6. Estatueta de boto vista em perfil (esquerda acima), de cima (esquerda abaixo) e a partir da extremidade quebrada com possível vestígio de furo (direita). Fotos: André Prous.

Os flancos da estatueta são praticamente lisos na região posterior e central; no entanto, aproximando-se da cabeça, um relevo discreto de formato elíptico indica em cada um deles a presença de uma nadadeira peitoral. A parte anterior da cabeça é um pouco erodida, mas furos circulares (0,5 cm de diâmetro) representam os olhos, enquanto dois pares de incisões em ziguezague evocam a boca e os dentes. O bico do boto não é muito saliente. Na parte superior, muito estreita, há um relevo frontal quase circular com um círculo e um ponto incisos indicando o espiráculo do animal. Acima e atrás dessa protuberância aparecem excisas as barbatanas. No ventre da estatueta há cinco losangos feitos por incisão fina, encaixados um no outro, cuja feitura irregular destoa do resto da escultura – talvez porque sejam resultados de intervenções recentes, feitas pelos próprios ribeirinhos.

Na coleção reunida por Nimuendajú e depositada na Suécia existe uma estatueta (n° 1924.16.0018f) também coletada em uma comunidade do Lago Sapucá (Uaimi) feita em rocha acinzentada que sugere a silhueta de parte do corpo e da cabeça de um cetáceo. Julgando pela cor da matéria prima, esta peça poderia ser uma representação de um boto-cinza (*Sotalia guianensis*). Essa escultura, no entanto, é mais achatada que a de rocha de cor rosada que acabamos de descrever e exibe um notável furo central. A fotografia disponível no site do Museu da Cultura Mundial de Gotemburgo não permite saber quais são os detalhes anatômicos que estão presentes na peça⁴. Uma nadadeira e um espiráculo, no entanto, parecem ser muito evidenciados.

Discussão

Esta nota não tem o intuito de ser conclusiva. Conhecemos apenas quatro peças que compõem este grupo dos quadrúpedes em pleno relevo e não estudamos todas elas com o mesmo detalhe (basta lembrar que uma é conhecida apenas a partir de uma foto). Da

⁴ Disponível em: <<http://collections.smvk.se/carlotta-vkm/web/object/68802>> Acesso em 13 de julho de 2017.

mesma forma, não realizamos um estudo sistemático dos “ídolos de pedra” para aprofundar-nos sobre a relação das peças conhecidas e a estatueta em forma de boto ou mesmo para compará-los com as estatuetas quadrúpedes. Nas páginas anteriores apresentamos apenas descrições sucintas das peças. Buscamos apresentar esses novos artefatos, que podem reforçar temas já mencionados na bibliografia e ampliar o debate sobre as estatuetas líticas para áreas adjacentes do Baixo Amazonas.

A falta de informações contextuais e datações impede que as estatuetas quadrúpedes sejam inseridas na cronologia cultural da região em que foram encontradas. Podem datar tanto do período pré-colonial tardio (1000-1500 AD) como os muiraquitãs, quanto serem muito mais antigas, contemporâneas à ocupação Pocó (c.100 BC – 600 AD segundo Neves *et al.*, 2014) ou até pré-cerâmicas. É possível que as estatuetas quadrúpedes não sejam criações isoladas e estejam associadas a outros artefatos esculpidos em rocha. Junto da peça nº 1, o mergulhador Wai Wai da Terra Indígena Trombetas-Mapuera encontrou um recipiente esculpido em rocha (Jácome, 2017). No Amapá foi encontrada uma cabeça zoomorfa lítica que também pode fazer parte da mesma tradição tecnológica que produziu os quadrúpedes (L. Costa, com. pess., 2017; M. Cabral, com. pess., 2017). A existência de estatuetas quadrúpedes em pleno relevo e outras esculturas possivelmente realizadas em áreas distintas (como a Guiana brasileira, Altamira e, talvez na Ilha de Caviana) pode ser interpretado como mais um dos elementos que sugerem a existência de intercâmbios inter-regionais pré-coloniais, à maneira dos conhecidos para os muiraquitãs (Boomert, 1987).

Um estudo petrográfico das matérias primas utilizadas na manufatura dos quadrúpedes a partir de técnicas físico-químicas poderia indicar a procedência geológica. Nas proximidades de Altamira, por exemplo, existem formações com disponibilidade de rochas magmáticas plutônicas, como aquela usada na confecção da peça nº 2. O mesmo acontece no alto/médio curso do rio Mapuera, apesar de não se saber qual a matéria prima da peça lá encontrada.



Figura 7. Anta (*Tapirus terrestris*) em perfil. É notável que a forma das orelhas e a crina entre elas são semelhantes as das estatuetas quadrúpedes. Foto: John5199. Disponível em: goo.gl/RO5agm.

Apesar das diferenças de detalhe, as quatro estatuetas quadrúpedes conhecidas (e, sobretudo, as peças 2, 3, e 4) apresentam uma notável semelhança entre elas - à diferença da ampla diversidade verificada entre os “ídolos de pedra”. Os atributos da figura quadrúpede parecem indicar um mesmo ser ou tipo de ser zoomorfo com uma mesma forma de cabeça, com crina e orelhas alongadas, corpo robusto patas maciças e cauda. Várias espécies animais - especialmente mamíferos (porcos do mato, capivaras, onças, etc) – poderiam ter servido de modelo para estas estatuetas. Entre todas essas espécies atuais, a anta (*Tapirus sp.*) é o animal mais parecido, dada a presença de uma crina (crina), cauda curta e orelhas alongadas com pavilhões escavados. No entanto, as esculturas líticas mostram uma cauda muito pronunciada e não apresentam tromba, à diferença das antas. A ausência da

característica tromba dos tapires faz ao ser se assemelhar a um *Toxodon sp.* (megafauna extinta), imagem que primeiro veio à cabeça de um dos autores (A.P.) durante o estudo de duas peças. No entanto, não se pode desconsiderar que os indígenas que produziram essas peças podiam não estar norteados por uma ontologia naturalista tal qual a nossa. Assim, é possível que esse quadrúpede não se enquadre em nossas categorias taxonômicas, por tratar-se de um “espírito” e/ou “entidade mitológica”, categoria cuja variedade e diversidade é infinita. Basta ver, por exemplo, os desenhos de “espíritos” coletados por Barcelos Neto (2002) entre os Wauja do Xingu para compreender a ampla diversidade e a dificuldade de se correlacionar uma figura e um equivalente zoológico.

Em compensação, a identificação zoológica do animal representado na estatueta em rocha rosada parece mais segura. Tanto a cor quanto os detalhes anatômicos indicam um boto cor de rosa. Conhecendo-se a importância destes cetáceos na cosmologia ribeirinha (Lima, 2014), esta estatueta sugere que ela tenha uma origem pré-colonial. Se esta peça realmente pertencer ao grupo dos “ídolos de pedra”, então, este é o primeiro caso de escultura zoomorfa com uma conexão direta com entidades ameríndias conhecidas etnograficamente.

O papel das estatuetas quadrúpedes está longe de ser evidente. É provável que a peça n.º 1 tenha sido utilizada como almofariz, o que não exclui a possibilidade de se tratar apenas de um recipiente. Para as outras peças não há nenhum indício de como poderiam ter sido usadas ou em que contexto. As interpretações de Zerries (1962, 1965, 1981) e Wassén (1965, 1967) que permeiam o texto de Porro (2010) sobre o uso de todos os “ídolos de pedra” para o consumo de alucinógenos ainda permanecem muito especulativas. São baseadas quase exclusivamente em sua semelhança morfológica com antigas esculturas etnográficas de madeira com funções desconhecidas (Gerbreds, 1955; Reichlen, 1961; Wassén, 1967) e a composição na qual um ser se sobrepõe ao outro (“alter ego”) - esta última característica sendo pouco frequente entre os “ídolos” (ver Porro, 2010). Não é possível duvidar da importância ritual ou xamânica

dos “ídolos” e o mesmo vale para os quadrúpedes, dada sua raridade e elaboração técnica. O fato de se saber que um deles foi encontrado no fundo de um rio e outros dois em garimpo (talvez no fundo do rio também) pode indicar uma prática de deposição intencional dentro da água. Somente achados de peças em contexto poderão clarificar tanto a antiga questão dos “ídolos”, quanto as novas perguntas levantadas em relação aos quadrúpedes em pleno relevo.

BIBLIOGRAFIA

Barcelos Neto, A. (2002). *A arte dos sonhos: uma iconografia ameríndia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 276 p.

Barata, F. (1954). Os muiraquitãs e as ‘contas’ dos Tapajó. *Revista do Museu Paulista*, 8: 229-259.

Barreto, C. (2009). *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 230 p.

Boomert, A. (1987). Gifts of the Amazons: green stone pedants and beads and items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. *Antropologica*. 67: 33-54.

Costa, M.; Silva, A.C. & Angélica, R. (2002a). Muyrakyrã ou muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas. *Acta Amazônica*. 32 (3): 467-490.

Costa, M.; Silva, A. C.; Angélica, R.; Pollmann, H.; Schuckmann, W. (2002b). Muyrakyrã ou muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: aspectos físicos, mineralogia, composição química e sua importância etnológica. *Acta Amazônica*. 32 (3): 431-448.

Fonseca, J. (2007). Do século XIX ao XX: cartas e publicações sobre os ídolos de pedra amazônicos (Partes 1 e 2). *História e-história*, 6 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?t-b=arqueologia&cid=9>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

Fonseca, J. (2010). As Estatuetas Líticas do Baixo-Amazonas. **in.** Edithe Pereira; Vera Guapindaia. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, 1: 235-237.

Gerbrends, A. (1955). Masterpieces of Wood-carving from the Amazon Basin. **in.** *Anais do XXX Congresso Intern. de Americanistas*, 1:267-68.

Gomes, D. (2001). Santarém Symbolism and Power in the tropical forest. **in.** MacEwan, C.; Barreto, C.; Neves, E. (Org.). *Unknown Amazon*. Londres: British Museum Press, p. 134-155.

Guapindaia, V. (2008). *Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Hilbert, P. (1955). A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. Belém: *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, 9.

Hilbert, P.; Hilbert, K. (1980). Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. Belém: *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, (Nova série Antropologia), p. 1-15.

Jácome, C. (2017). *Dos Waiwai aos Pooco – Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrí), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 523p.

Lima, D. (2014). O Homem de Branco e o Boto: O Encontro Colonial em Narrativas de Encantamento e Transformação (Médio Rio Solimões, Amazonas). *Teoria & Sociedade*, Número Especial: 173-201.

Lisle de Dreneuc, P. de (1894). Les idoles de pêche du Brésil, *Atas do IX Congresso Internacional de Americanistas*. Madrid: Tipografía de los Hijos de M. G. Hernández, p. 107.

Moraes, C.; Amaral, M.; Santos, R. (2014). Os artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica dos Tapajó e o Muiraquitã. **in.** Rostain, S. (Org.). *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Artes Gráficas Señal, p. 133-140.

Neves, E, Guapindaia, V., Lima, H, Costa, B.; Gomes, J. (2014). A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. **in.** Rostain, S (Org.). *Antes de Orellana. Actas del 3er*

Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito: Artes Gráficas Señal, p.137-158.

Nimuendajú, C. (2004). In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. Per Sternberg (Org.). Gotemburgo: *Etnologiska Studier*, 45.

Palmatary, H. (1960). The Archaeology of the lower Tapajos valley: Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 50.

Porro, A. (2010). Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, 5(1):129-144.

Prous, A. (2015). *Relatório das pesquisas realizadas no vale do rio Mapuera (bacia do Alto Trombetas)*, apresentado à FAPEMIG.

Rodrigues, J. B. (1899). *O Muyrakitã e os ídolos simbólicos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 240p.

Reichlen, H. (1961). Objets en bois sculpté du Bas-Amazone. Paris: *Objets et Mondes*, 1 (2): 17-30

Schaan, D.; Alves, D. (2015). As Escavações no Sítio Porto de Santarém. **in**. Schaan, D. & Alves, D. (Org.). *Um Porto, muitas Histórias. Arqueologia no Porto de Santarém*. Belém: Supercoros, p. 35-62.

Silva, A. C; Costa, M. (2012). Mineralogy and chemistry of the green stone artifacts (muiraquitãs) of the museums of the Brazilian state of Pará. *Revista da Escola de Minas*, 65 (1): 59-64.

Veríssimo, J. (1970). Os ídolos amazônicos. **in**. Veríssimo, J. *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA, p. 107-115.

Wassén, H.; Holmstedt, B. (1963). The use of Paricá, an ethnological and pharmacological review. *Ethnos*, 28 (1):5-45.

WASSÉN, H. (1965). The use of some specific kinds of South American Indian snuff and related paraphernalia. Gotemburgo: *Etnologiska Studier*, 28, p. 1-116.

Wassén, H. (1967). Anthropological survey of the use of South American snuffs. In: Efron, D. (Org.) *Ethno-pharmacologic search for psychoactive drugs*. Washington: United States Public Health Service, p. 233-289.

Zerries, O. (1965). Drei unbekannte Holzschnitzarbeiten aus Brasilianisch-Guyana im Museum für Völkerkunde zu Mannheim. *Tribus*, 14:185-193.

Zerries, O. (1977). Drei alte, figürlich verzierte Holztrompeten aus Brasilien in den Museen zu Kopenhagen, Leiden und Oxford. *Ethnologische Zeitschrift Zürich*, 1:77-89.

Zerries, O. (1981). Atributos e instrumentos rituais do xamã na América do Sul não-andina e o seu significado”. in. Hartmann e V. Coelho (Orgs.) *Contribuições à antropologia em homenagem ao Prof. Egon Schaden*. Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, 4, p.319-360.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as agências financiadoras para a realização do Projeto Norte Amazônico, a FAPEMIG e a Mission Archéologique franco-brésilienne de Minas Gerais. Somos também muito gratos às pessoas que possibilitaram o contato com as peças e forneceram as informações aqui apresentadas: Simone Oliveira e o técnico Farias do Museu Histórico Joaquim Caetano de Macapá; Lúcio Costa do IEPA; Noé von Altzinger, da Casa de Cultura de Marabá; Cristina, Francisca e Carla do MAE-USP; a Imo da Aldeia Mapuera; ao Sr. Nestor e Sr.^a Felipa da comunidade de Ajará no Lago Sapucuí. Agradecemos também a Henrique Koslowiski pela ajuda na confecção do Mapa 2.

Submissão: 14/07/2017

Aprovação: 26/07/2017